



COBERTURAS E CHAMINÉS

(fotos da autora)

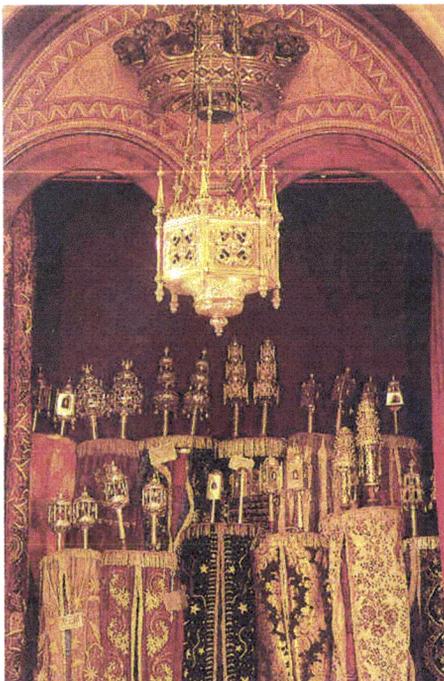
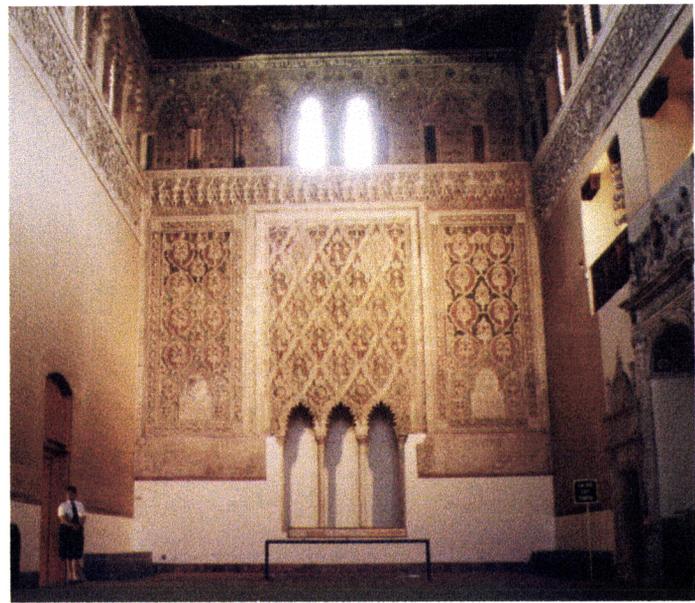
Fig. 5.23 a 5.26 - Diversos modelos de chaminés de fumeiro presentes na área. Telhados de uma e duas águas em telha lusa ou mourisca.
 Fig. 5.26 - Chaminé de fumeiro ainda com vestígios de pintura decorativa a vermelho



SINAGOGAS

(fotos da autora)

Fig. 5.27 - Ao fundo, na parede Nascente, situa-se o *ehal* contendo os rolos da *Torah* (Sinagoga Portuguesa de Amsterdão, século XVII).
 Fig. 5.28 - Aspecto da *tebah* sobre a qual se lê a Lei (Sinagoga Portuguesa de Amsterdão, século XVII).



SINAGOGAS

(fotos 5.29, 5.31 e 5.33 da autora; foto 5.30 postal ed. Museu Sefardí (Toledo); foto 5.32 in *Presenças Judaicas*, I.C.E.P., 1997, p.10)

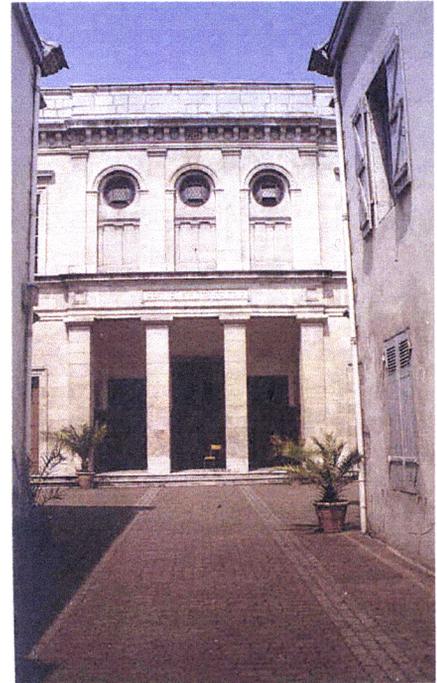
Fig. 5.29 - *Tebah* localizada no peristilo central formado por quatro colunas (sinagoga de Tomar, século XV).

Fig. 5.30 - Rolos da *Torah*.

Fig. 5.31 - *Ehal* encastrado na parede Nascente e galeria das mulheres no piso superior (sinagoga del Tránsito em Toledo, medieval).

Fig. 5.32 - *Ehal* aberto com os rolos da *Torah* no interior (sinagoga de Lisboa, século XX).

Fig. 5.33 - Decoração com motivos geométricos e vegetalistas (sinagoga de Santa Maria la Blanca em Toledo, medieval).



SINAGOGAS

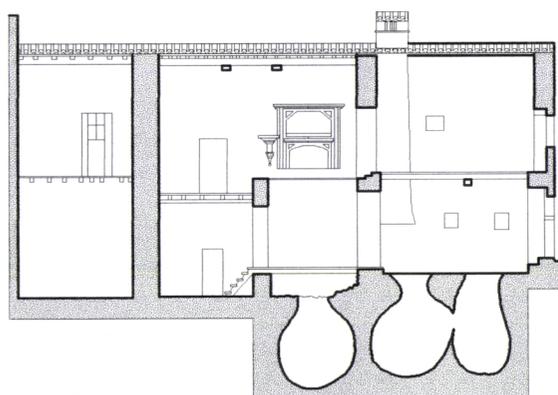
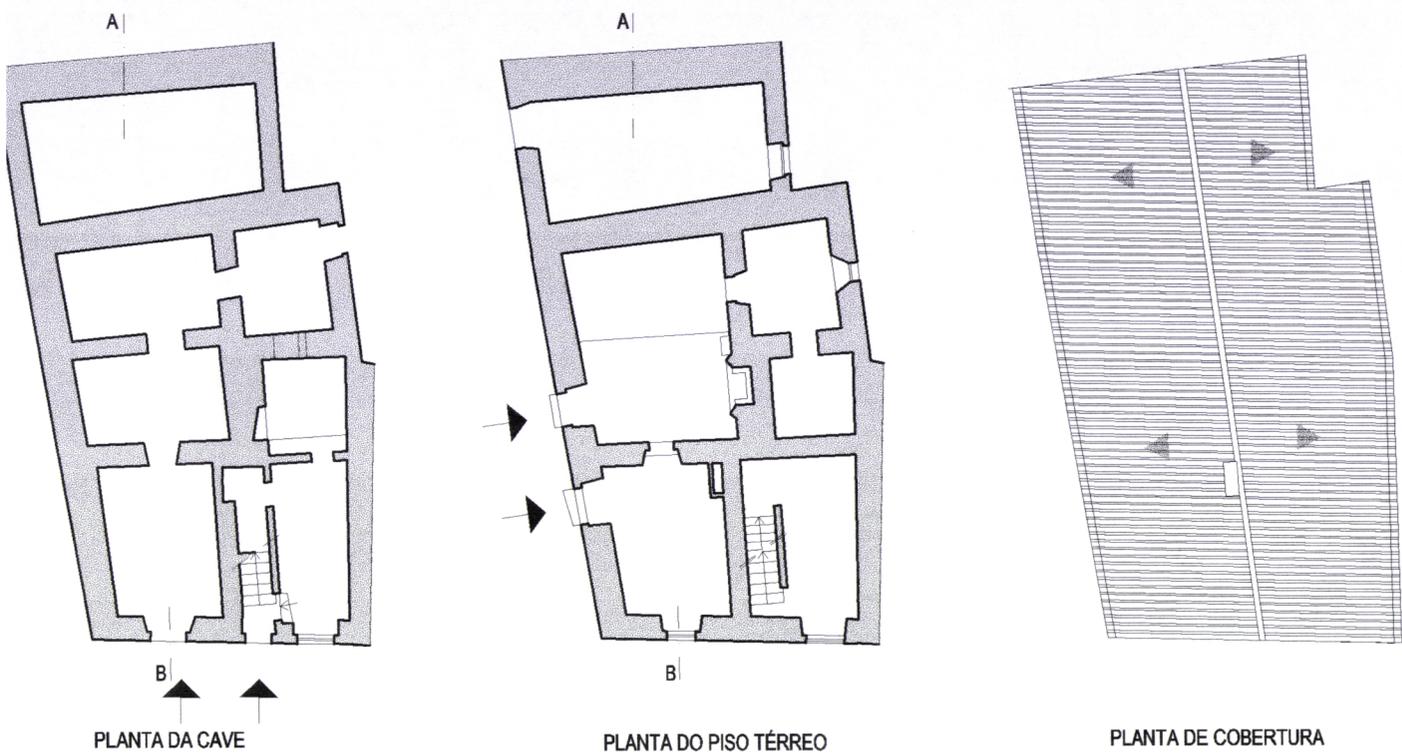
(fotos da autora)

Fig. 5.34 - Exterior da Sinagoga de Valência de Alcântara (Espanha).

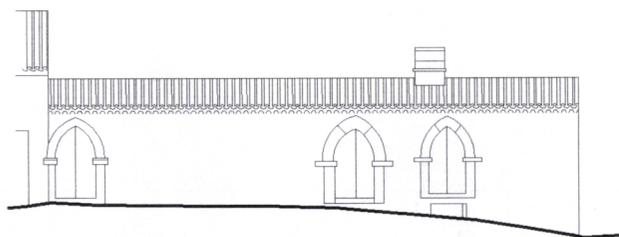
Fig. 5.35 - Exterior da Sinagoga de Bayonne (França).

Fig. 5.36 - Exterior da Sinagoga del Tránsito em Toledo, actualmente o Museu Sefardí (Espanha).

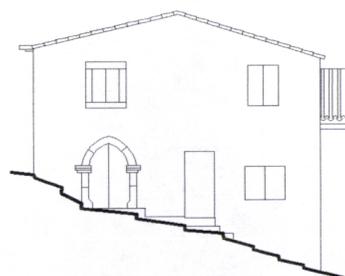
Fig. 5.37 - Exterior da Sinagoga Portuguesa de Amsterdão (Holanda).



CORTE A-B



ALÇADO - RUA DA JUDIARIA



ALÇADO - RUA DA FONTE

fig. 5.38 - SINAGOGA MEDIEVAL (?)

JUDA JUDIARIA, 6, 8 E 10

Adaptado de G.T.L. de Castelo de Vide, *Plano de Pormenor da Zona Urbana Mais Antiga de Castelo de Vide*, Vol. III, *Elementos Anexos*, Câmara Municipal de Castelo de Vide, 1999.

▶ ENTRADA

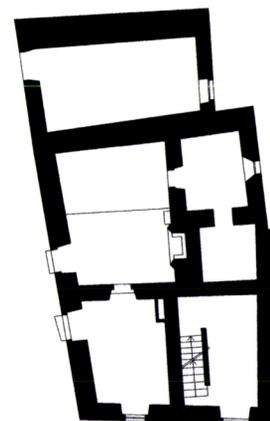
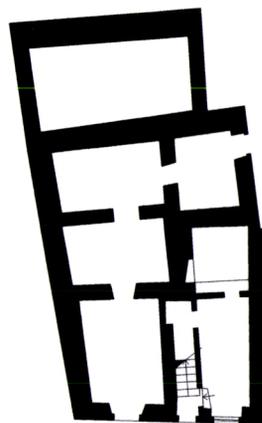
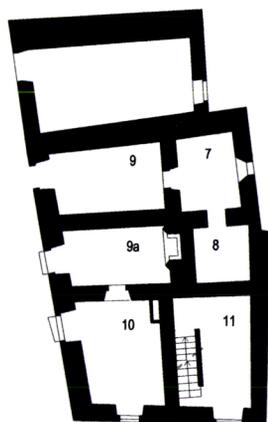
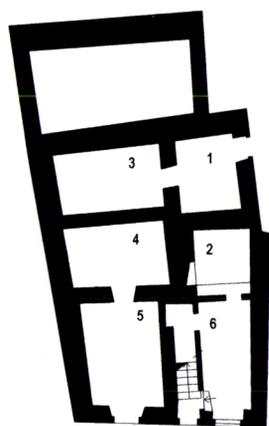


PLANTA DA CAVE

PLANTA DO PISO TÉRREO

PLANTA DA CAVE

PLANTA DO PISO TÉRREO



FINAIS DO SÉC. XIX

ACTUAL



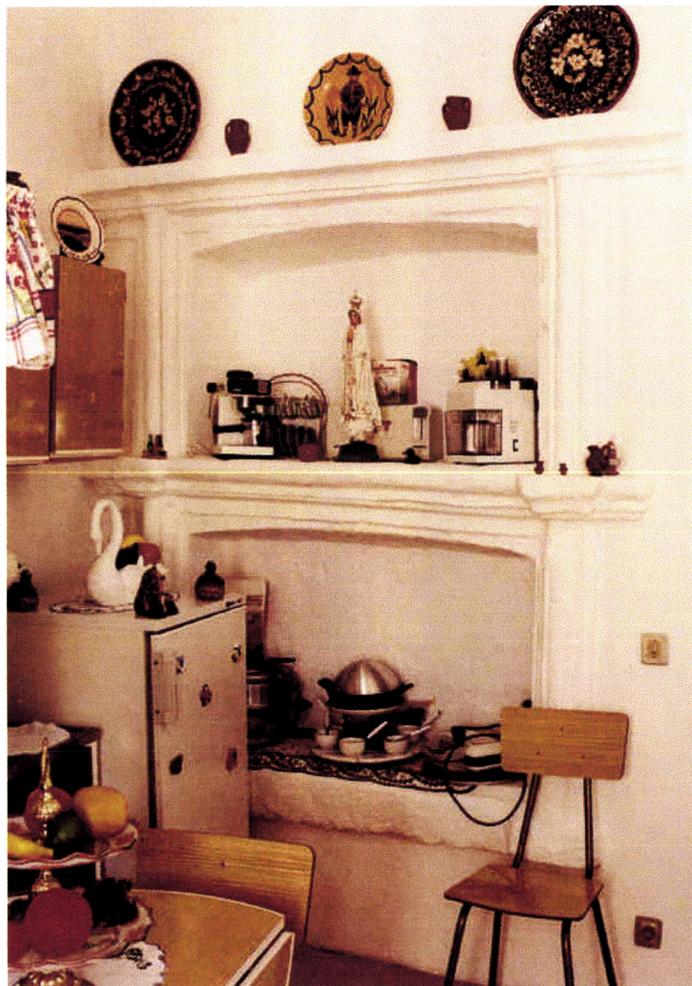
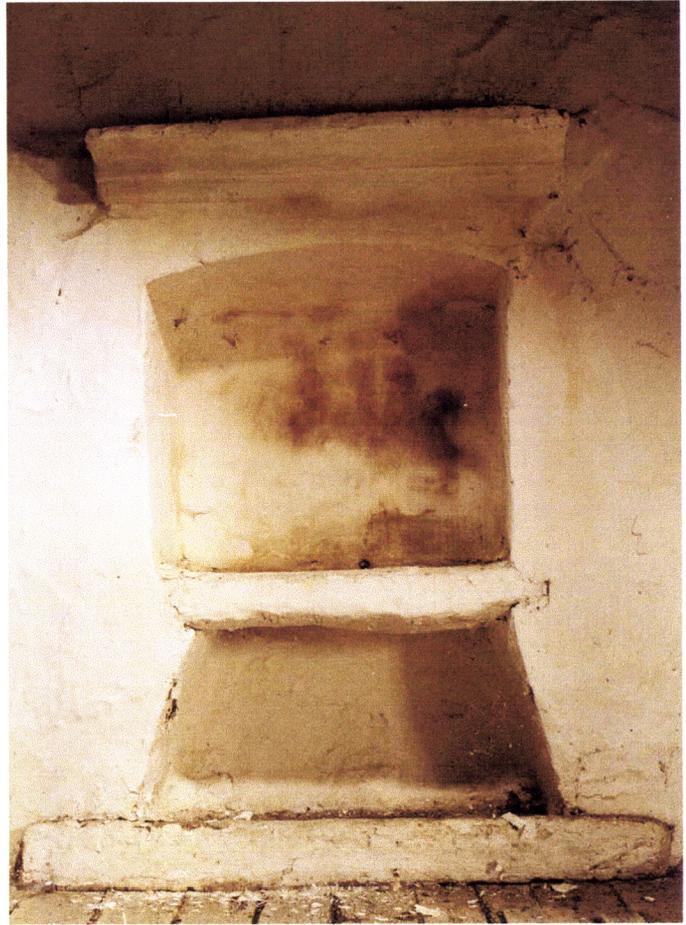
SINAGOGA DE CASTELO DE VIDE ?

(foto 5.39 in Arquivo da C.M.C.V., *Processo de Obras* nº63/0/69; foto 5.40 e fig.5.41 da autora)

Fig. 5.39 - Aspecto do imóvel em 1969 antes das obras descritas por Diamantino Sanches Trindade.

Fig. 5.40 - Vista actual da presumível sinagoga medieval. Fechou-se a porta de verga recta e desentapou-se a outra porta ogival.

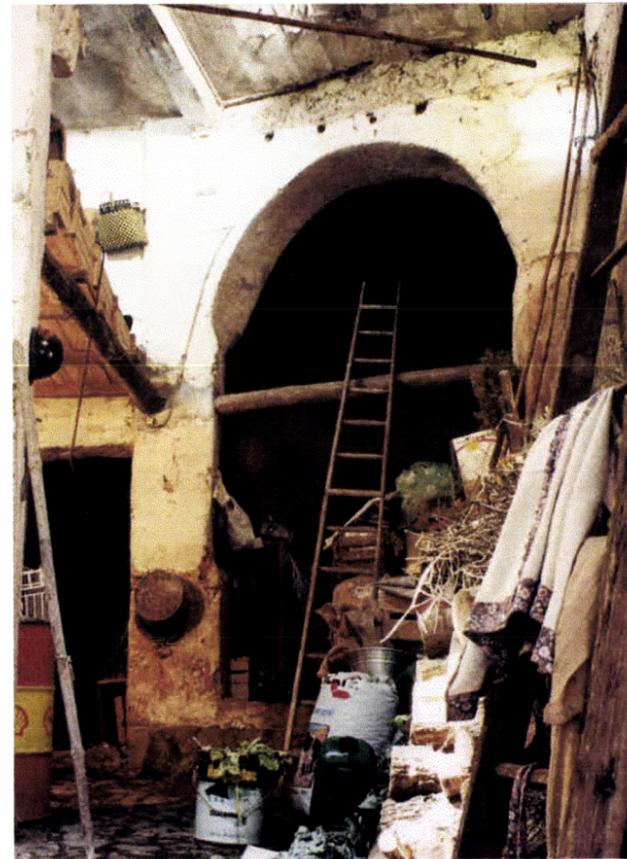
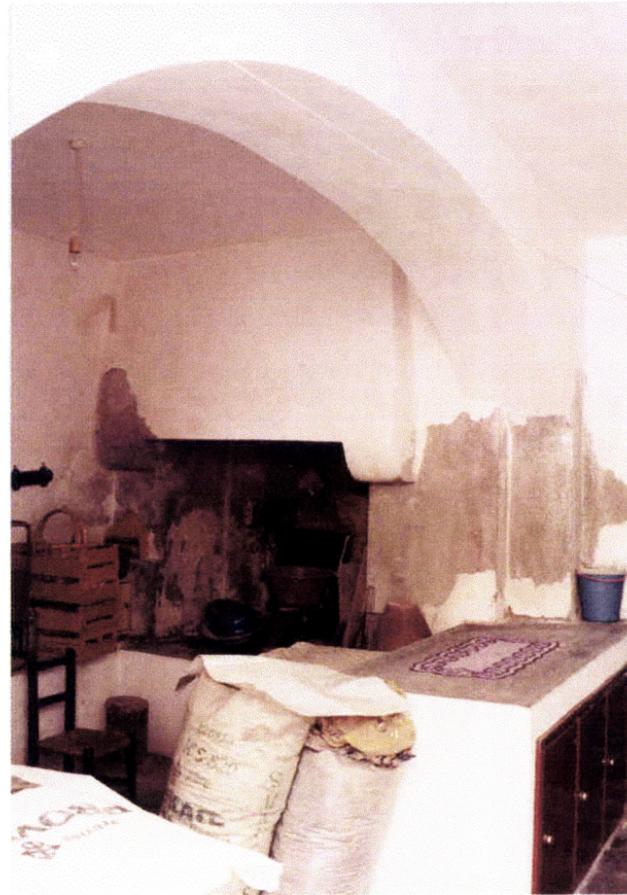
Fig. 5.41 - Desenho esquemático das obras efectuadas segundo as descrições de Diamantino Sanches Trindade.



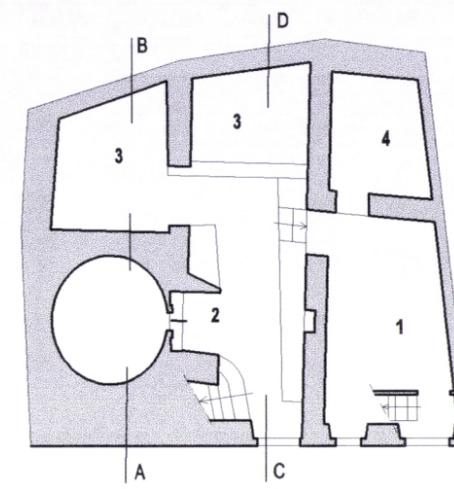
PILHEIRA OU TABERNÁCULO ?

(fotos da autora)

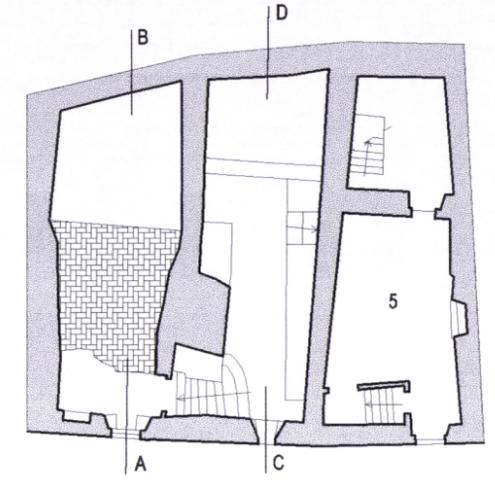
- Fig. 5.42 - *Pilheira* encastrada na parede num edifício da rua do Mercado.
 Fig. 5.43 - *Pilheira* encastrada na parede num edifício da rua de Santo Amaro.
 Fig. 5.44 - *Pilheira* encastrada na parede num edifício da rua do Mestre Jorge.
 Fig. 5.45 - *Tabernáculo* da antiga sinagoga?



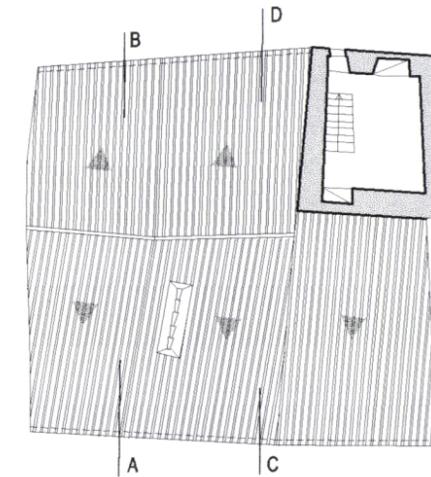
(fotos da autora)



PLANTA DO PISO TÉRREO



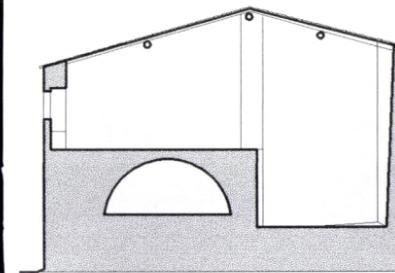
PLANTA DO PISO 1



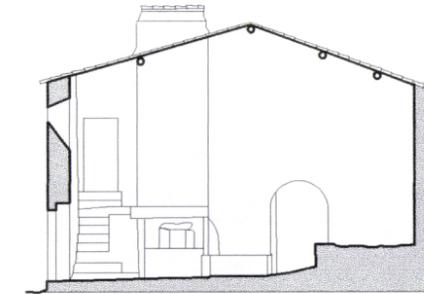
PLANTA DO PISO 2



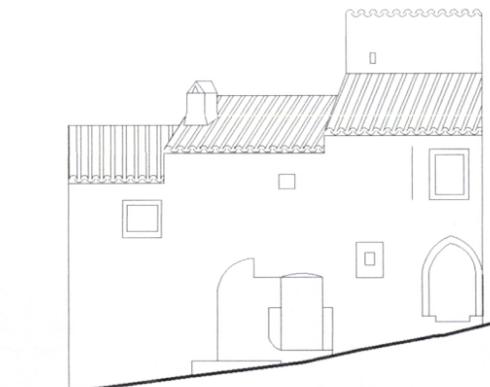
PLANTA DE COBERTURA



CORTE A-B



CORTE C-D



ALÇADO PRINCIPAL

Fig. 5.46 - FORNO COMUNITÁRIO - Raiz Medieval

RUA DO MERCADO 105, 107

- 1 LOJA
- 2 FORNO
- 3 DEPÓSITO DE LENHA
- 4 PALHEIRO
- 5 HABITAÇÃO



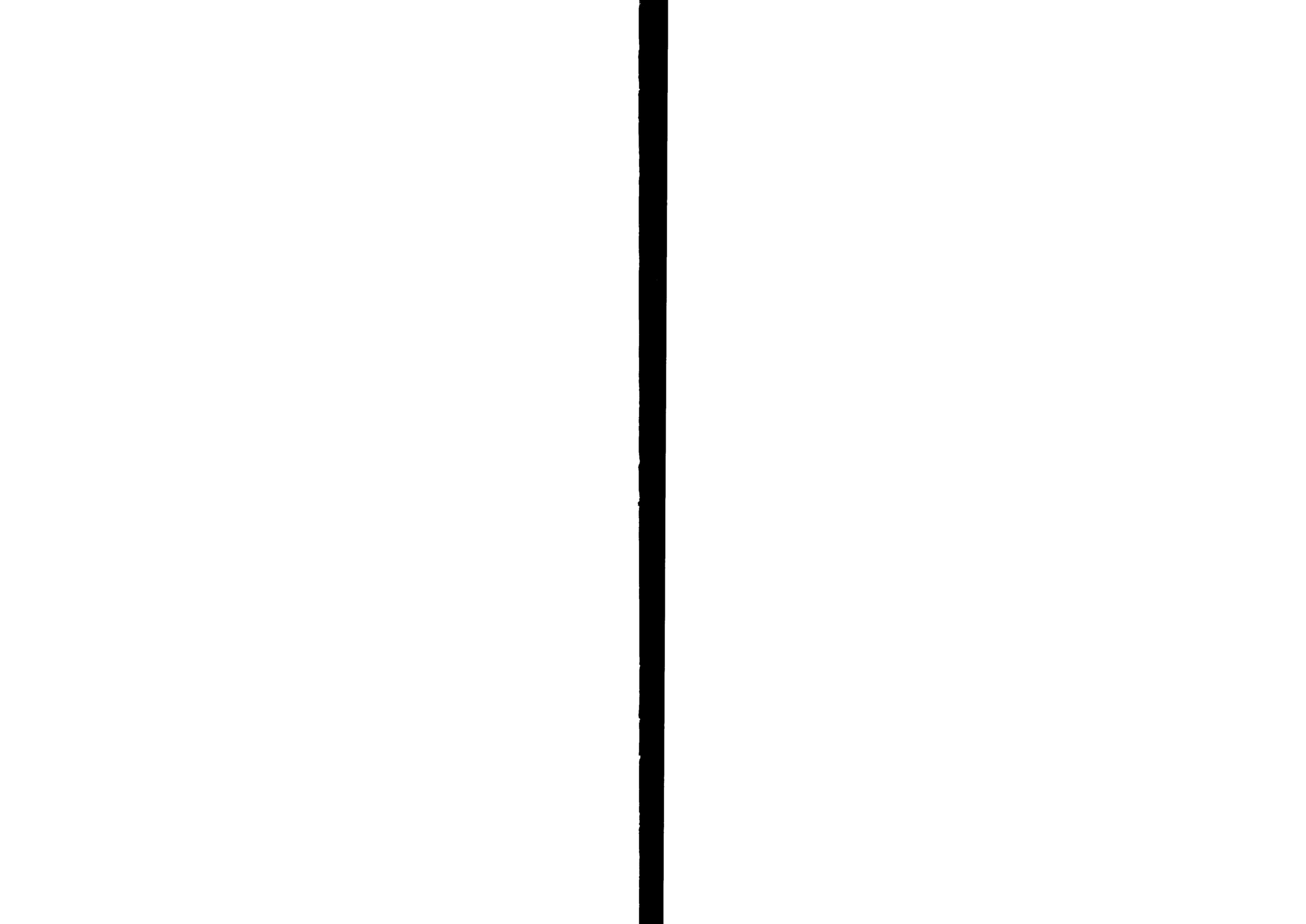
Adaptado de G.T.L. de Castelo de Vide, *Plano de Pormenor da Zona Urbana Mais Antiga de Castelo de Vide*, Vol. III, *Elementos Anexos*, Câmara Municipal de Castelo de Vide, 1999.

Escala -

0 1 2 3 4

EDIFÍCIOS SINGULARES

- Fig.5.47 - Forno comunitário na rua do Mercado nº105-107.
- Fig. 5.48 - Forno comunitário na rua do Mestre Jorge nº32.
- Fig.5. 49 - Complemento à habitação - celeiro no largo da Fonte da Vila nº8-9.





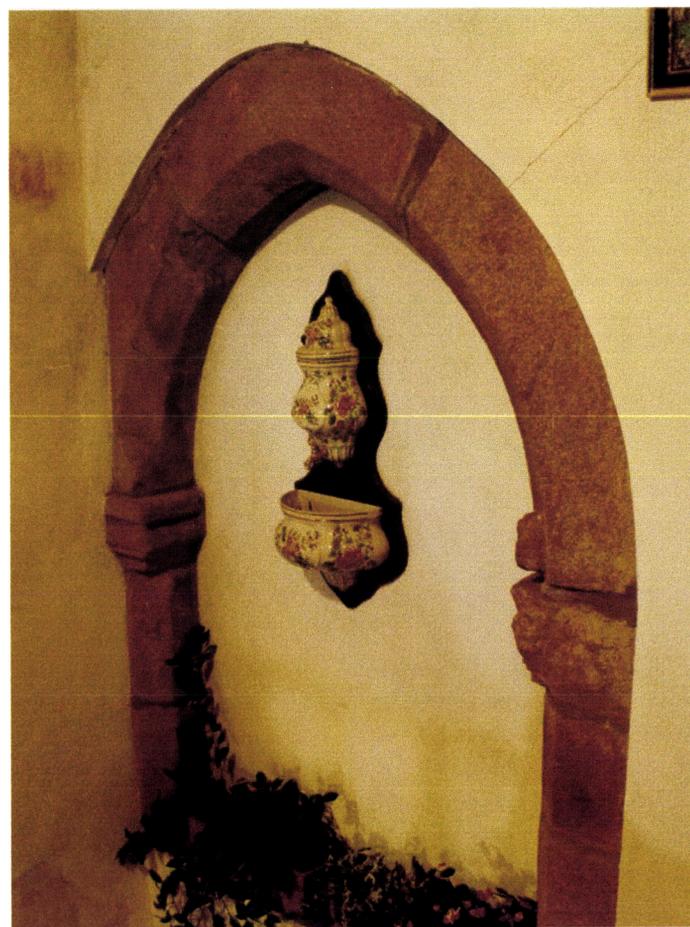
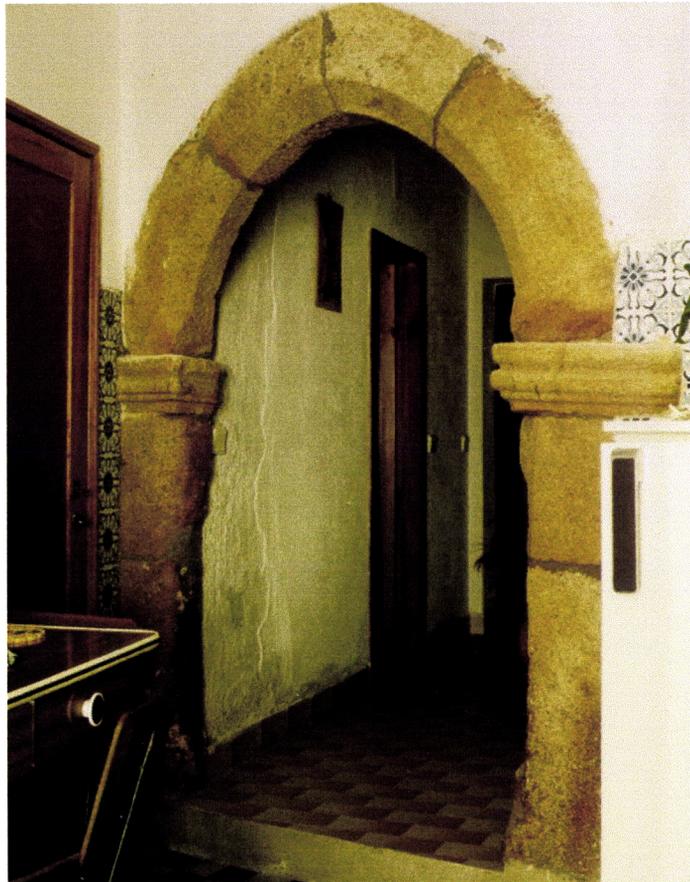
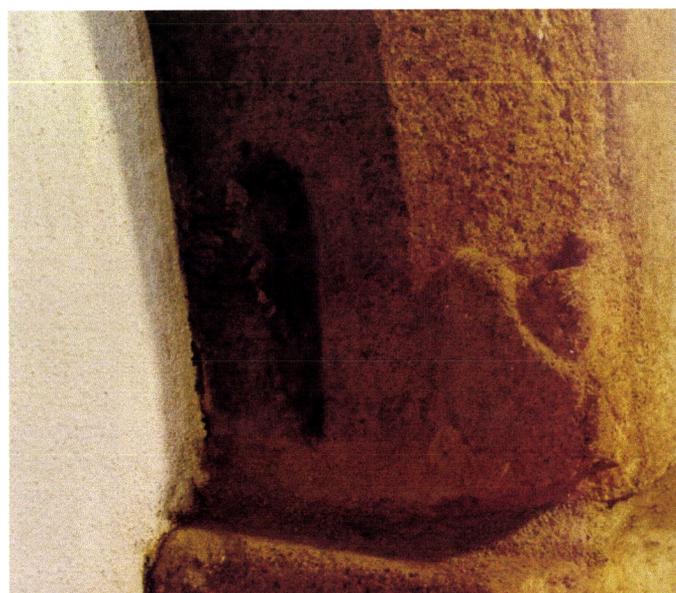
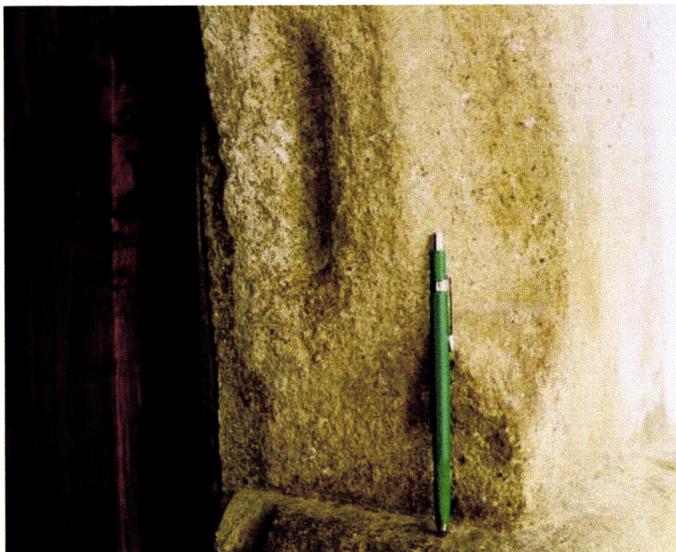
A PRESENÇA JUDAICA

(fotos 5.50 e 5.51 da autora; foto 5.52 da C.M.C.V.)

Fig. 5.50 - *Bairro Judio-gótico* de Valência de Alcântara, situada perto da fronteira com Portugal.

Fig. 5.51 - Aspecto do antigo bairro judaico de Bayonne (França), onde as construções são semelhantes ao restante aglomerado.

Fig. 5.52 - Em Castelo de Vide a existência da porta estreita-porta larga está presente na totalidade do aglomerado intra-muros, do Castelo às Encruzilhadas (rua Miguel Ferreira, séculos XVII/XVIII).



A PRESENÇA JUDAICA

(fotos da autora)

Fig. 5.53, 5.55 e 5.57 - Ranhuras da *Mezuzah* em várias cantarias de granito (sinagoga, rua da Fonte nº 41-43, rua da Judiaria nº 13-15).

Fig. 5.54 e 5.56 - Portas ogivais no interior de habitações com a ranhura da *Mezuzah* na cantaria de granito da ombreira direita (rua da Judiaria nº 9-11 e nº 13-15).

6. CARACTERIZAÇÃO CONSTRUTIVA

6.1 MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Numa época de reduzida mobilidade, as características geográficas, geológicas e físicas do sítio ditam os materiais utilizados na construção, já que, de um modo geral, a sua proveniência é próxima. Estes irão, por sua vez, ditar as técnicas e sistemas construtivos adoptados, que se traduzem muitas vezes em soluções formais muito próprias, estabelecendo com a arquitectura uma íntima relação.

Abordaremos, por isso, os materiais de construção tradicionais da zona, ainda que, na maior parte dos casos, seja hoje mais frequente o uso de materiais correntes à venda no mercado¹.

6.1.1 A Pedra

As formações rochosas da região são formadas por xistos do Silúrico e granitos (toda a zona próxima de Nisa possui os chamados granitos de Nisa), duas rochas que foram utilizadas incessante e continuamente na construção nesta zona².

O xisto era sobretudo utilizado na constituição das alvenarias das casas e dos muros, aparecendo por vezes nas soleiras, pavimentos térreos interiores e a calcear as ruas.

O granito, dada a sua boa resistência ao desgaste físico e mecânico, era utilizado com mais frequência que o xisto, nas alvenarias, nos pavimentos térreos das lojas, soleiras e arruamentos. Surge também nos pavimentos dos fumeiros e nos trabalhos de cantaria que, tratando-se de edificações modestas, aparecem unicamente nas guarnições dos vãos de portas, por vezes, também de janelas e no primeiro lance de escadas interiores. As suas características permitem-lhe igualmente ser trabalhado decorativamente, com inscrições ou relevos, como acontece em aduelas, vergas ou impostas de inúmeros exemplos na área.

O calcário, também existente na região, era utilizado sobretudo para a produção de cal.

¹ Para o estudo dos materiais, técnicas e sistemas construtivos da zona recorreu-se a entrevistas com construtores e mestres de obras locais, além de estudos especializados, nomeadamente: João Emílio dos Santos Segurado, *Materiais de Construção*, 6ª ed, Biblioteca de Instrução Profissional, Livraria Bertrand; os livros *Alvenaria, Cantaria e Betão*; *Materiais de Construção*; *Trabalhos de Carpintaria* da *Biblioteca de Instrução Profissional*, Livraria Bertrand, Lisboa, s.d.; F. Pereira Costa, *Enciclopédia prática da Construção Civil*, Edição do Autor, Lisboa, s.d.; Gabriela B. Teixeira; Margarida

6.1.2 A Madeira

A proximidade de manchas florestais de castanheiros, carvalhos e pinheiros bravos leva-nos a pensar que terão sido estas as madeiras maioritariamente empregues na construção.

A sua utilização é uma constante desde tempos remotos, não só como auxiliar ao próprio acto de construir, em moldes, taipais, cimbres, etc., mas também incorporada na própria edificação, assumindo formas bastante diferenciadas: desde os elementos estruturais como os vigamentos e madeiramentos, aos soalhos, escadas, portas e portadas, aros e caixilhos de janelas, padieiras de vãos interiores ou a verga do fumeiro³.

O castanho era essencialmente utilizado nos elementos estruturais, por vezes com os próprios ramos toscamente desbastados a cumprir a função de vigas e o pinho aparece vulgarizado nos restantes elementos.

6.1.3 Os Cerâmicos

A proximidade da cidade de Portalegre, a 17km e a tradicional produção das suas barreiras podem ter fornecido, em tempos mais recuados, os materiais cerâmicos à vila.

Estes aparecem-nos quer sob a forma de telhas de canudo, nas coberturas em telhado, quer em tijolos maciços para a construção dos panos da chaminé ou de arcos sobre os vãos. Surgem-nos igualmente no revestimento dos pavimentos ou no forro dos telhados, sob a forma de ladrilhos e baldosas, pequenas tijoleiras cerâmicas com cerca de 30x15x3cm, as primeiras e quadradas as últimas⁴.

O barro era também frequentemente utilizado como ligante na constituição das alvenarias de pedra ordinária.

6.1.4 O Ferro

Em toda a área são bastante raros os trabalhos em ferro, uma vez que na habitação corrente a sua utilização não é usual, surgindo quase exclusivamente forjado em sacadas no largo da Fonte da Vila e rua Nova em edifícios de desenho

C. Belém, *Diálogos de Edificação, Técnicas Tradicionais de Construção*, CRAT, s.d.; Emília Mena, *As Caleiras da Escusa*, Sep. de Ibn Maruán, *Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 2, C. M. Marvão, 1992.

² Vejam-se algumas formas de utilização da pedra na construção nas figuras 6.1 a 6.5.

³ Vejam-se algumas formas de utilização da madeira na construção nas figuras 6.6 a 6.9.

⁴ Vejam-se algumas formas de utilização dos cerâmicos na construção nas figuras 6.10 a 6.12.

arquitectónico mais elaborado (isto se exceptuarmos os exemplos nitidamente recentes, de produção industrial e sem interesse significativo)⁵.

O seu uso, porém, é mais generalizado noutras áreas desta vila, que terá desenvolvido e elevado a arte de trabalhar este material, a ponto de lhe nomear um arruamento (rua dos Serralheiros) tendo produzido notáveis exemplos como são as portas dos Paços do Concelho.

6.1.5 As Argamassas

As argamassas são compostas por um ligante, que tradicionalmente é a cal, inertes (areia do rio, saibro, etc.) e água. Em Castelo de Vide, como certamente noutros locais, a constituição das argamassas variava consoante as posses do proprietário. Nas construções mais pobres a argamassa de assentamento incluía apenas saibro e terra argamassados; na generalidade das construções era utilizado saibro e barro e unicamente nas mais ricas era acrescentada cal da Escusa aos dois elementos anteriores, melhorando grandemente a sua resistência e durabilidade.

Existem, a Sudeste de Castelo de Vide, diversas manchas de calcários, nomeadamente, os calcários dolomíticos da Escusa que, desde as proximidades da vila, se estendem pelo vale até Porto da Espada. Estes afloramentos, nos quais são ainda visíveis as caleiras e alguns conjuntos de fornos, foram certamente explorados desde tempos remotos, numa prática que se manteve activa até aos nossos dias⁶.

Cozida “a mato”, produzia-se uma cal parda, que ficou conhecida por «*cal da Escusa*». Trata-se de uma cal aérea, com baixo índice de argila e composta quase exclusivamente por dolomite, muito utilizada nas construções locais, onde fazia uma excelente argamassa para a construção de alvenarias ou era aplicada na pintura de socos, molduras de vãos e cimalthas.

Também na Escusa e noutras manchas de calcário a Sudeste de Castelo de Vide era produzida uma cal branca, utilizada nos rebocos e caiações das casas.

⁵ Vejam-se os exemplos de ferro forjado das figuras 6.13 a 6.15.

⁶ Vejam-se nas figuras 6.16 e 6.17 a frente de desmonte do calcário e um dos fornos ainda existente. Os fornos pararam de funcionar nos finais da década de 60, devido essencialmente à falta de competitividade com os preços e a qualidade homogénea do cimento e cal hidráulica. Cf. Ana Amélia Nunes, *A Cal da Escusa*, (estudo realizado para a disciplina de Materiais Inertes do Mestrado de Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico, texto policopiado), Universidade de Évora, 1996, p.42. Sobre a sua laboração e o processo de fabricação da cal da Escusa veja-se também Emília Mena, *ob. cit.*.

A areia utilizada nas argamassas era sobretudo trazida do leito da ribeira de Nisa e transportada em mulas até à vila. Era posteriormente peneirada e só então incorporada na argamassa.

6.1.6 As Tintas

O material utilizado nas pinturas dos paramentos terá sido, durante muito tempo, o leite de cal, oriundo da extinção da cal, com o qual se obtém a cor branca maioritariamente presente nas edificações. A pintura a cor dos paramentos exteriores era feita com a cal parda (cinzentos ou imitação de granito) ou utilizando pigmentos naturais, como o de cor amarela, proveniente do barro amarelo existente numas “covas” a caminho da Senhora da Penha e com o qual se obtinha a tonalidade creme.

Mesmo na pintura de socos, molduras de vãos, cimalthas, cunhais ou outros elementos decorativos, a paleta cromática restringe-se apenas aos tons pardos, entre cremes, cinzas ou ocre, sendo o azul, que associamos ao Alentejo de tão frequente, por exemplo, na zona de Arraiolos, completamente inexistente. Ainda recentemente e para os interiores eram usadas cores mais variadas, recorrendo-se a pigmentos em pó (vermelho, azul, roxo, etc.), de fabrico industrial.

Os pigmentos naturais, obtidos por moagem e peneiração, podem ser de origem mineral, a partir de rochas com óxidos metálicos onde domina o ferro, sendo estes os considerados mais estáveis e resistentes (como o referido amarelo das “covas”); de origem orgânica (vegetal e animal) e metálica (menos utilizados e derivados de pós metálicos de alumínio, cobre, zinco, etc.). Gradualmente e desde há umas décadas atrás, os pigmentos naturais foram sendo substituídos por pigmentos industriais que se compram na drogaria, como por exemplo, o óxido de ferro (vermelho e amarelo), o ocre amarelo, ou o azul ultramar. A estabilidade das cores, bem como a sua resistência aos diferentes agentes atmosféricos, varia consoante a composição dos pigmentos, o seu poder de cobertura e a sua opacidade.

É necessário lembrar que os revestimentos exteriores, no que respeita aos rebocos e pinturas, estão continuamente a ser alterados e a imagem que nos é oferecida hoje é muito diferente da que terá sido em tempos, como se comprova pela comparação da situação actual com fotografias antigas⁷.

⁷ Através de fotografias antigas (como as que apresentámos nas figuras 4.17 a 4.2) e em conversas com alguns habitantes locais temos vindo a descobrir que outras cores, nomeadamente o vermelho, eram fortemente utilizadas nas pinturas dos paramentos por exemplo na carreira de Cima, fugindo claramente à imagem mental que hoje temos de um Alentejo branco de cal, pelo que esta é uma temática que se revela de um especial interesse para a conservação do património construído.

Actualmente, muitas habitações já recorreram a tintas industriais para a pintura dos elementos decorativos, introduzindo algumas cores não tradicionais como o rosa e salmão ou certos tons de amarelo.

6.2 TÉCNICAS E SISTEMAS CONSTRUTIVOS

Interessa-nos nesta fase apenas caracterizar os sistemas construtivos tradicionais que edificaram a totalidade da área, uma vez que no capítulo 8 se irá abordar o seu grau de alteração, a propósito das intervenções recentes.

Tendo como base de análise a habitação da rua da Judiaria já mencionada⁸, referem-se também pequenas variantes construtivas relativamente a este exemplo que se achem presentes na área, desprezando-se certas particularidades do edifício, como, por exemplo, o estudo mais aprofundado dos arcos dos vãos de porta e janela.

Podemos desde já afirmar que, na grande generalidade das edificações, estamos perante uma baixa qualidade construtiva, patente nas paredes de alvenaria ordinária e sem travamento ou nos vigamentos de barrotes toscamente moldados e samblagens inexistentes, reflectindo, sobretudo, certamente além de preocupações de durabilidade, uma grande economia de meios.

6.2.1 Alvenaria em Fundações

As fundações do edifício são directas, constituindo um muro contínuo ao longo do perímetro da habitação, sobre o qual se construía a alvenaria em elevação.

As fundações visam a transmissão das cargas aplicadas sobre as paredes para o solo, menos resistente e têm por isso uma resistência mecânica intermédia entre ambos. Por isso, geralmente, a largura dos caboucos contemplava cerca de 10cm a mais para cada lado da largura que estava prevista para a parede, excepto se fosse grande a capacidade de resistência do solo, como nos afloramentos graníticos, onde a transição entre ambos não necessitava uma área de contacto superior à da parede.

Quando o terreno era bom abriam-se os caboucos até cerca de 1m de profundidade, escorando-os com tábuas se este ameaçasse ruir. A profundidade devia ser constante, de modo a evitar assentamentos futuros. Por vezes era própria

⁸ Veja-se no capítulo 5.1.1 as razões da escolha desta habitação sita na rua da Judiaria (nº 17 –19) para uma análise mais detalhada. A título ilustrativo dos sistemas tradicionais de construção na área, veja-se a selecção de fotografias apresentadas nas figuras 6.18 a 6.27.

rocha que servia de base às fundações, o que certamente terá acontecido nalgumas das construções do bairro.

Sobre a terra, que era previamente batida, construía-se então uma alvenaria com pedra rija de grandes dimensões argamassada. As fundações construía-se preferencialmente todas ao mesmo tempo, de modo a formar um maciço único e subiam até cerca de 10 ou 15cm abaixo do nível da rua ou do pavimento. A partir daqui construía-se a alvenaria em elevação.

6.2.2 Alvenaria em Elevação

- **Paredes Exteriores**

As paredes exteriores do edifício são de alvenaria ordinária, constituída por fragmentos de pedras (e por vezes tijolos) de formas irregulares, que constituem o elemento resistente e argamassadas com barro ou cal e areia. Tratam-se de paredes de alvenaria vulgar, nas quais foi utilizado conjuntamente o xisto e o granito, em fragmentos de dimensão variável, sem preocupação de aparelho no exterior, uma vez que eram sempre rebocadas e caiadas. A espessura das paredes é maior nas fachadas, que constituem a estrutura resistente da habitação, do que nas empenas e vai reduzindo no interior por cada piso que sobe (aproximadamente 10 cm por cada piso).

Dada a espessura que estas paredes de alvenaria possuem (60 a 75 cm nas fachadas) a maioria das pedras não cobria a sua totalidade, sendo acrescentadas outras para a completar. Deste modo, dois trabalhadores um de cada lado da parede começava, no processo da sua construção, por alternar em cada fiada horizontal, as pedras maiores, colocando uma de um lado e a outra do outro, desfasada da primeira, em zigue-zague. Depois aninhavam-se as pedras mais pequenas no espaço deixado pelas maiores, para se conseguir um bom travamento e aplicava-se a argamassa⁹. A experiência ia ditando rapidamente, a um golpe de vista, a escolha da melhor pedra para se encaixar nas outras. As paredes iam subindo em fiadas horizontais cada 50cm, entre cordéis que definiam a altura e o alinhamento.

Os cunhais também deviam ser bem travados pois, caso contrário, eram o ponto fraco de toda a construção. As pedras eram dispostas com a maior dimensão alternada para um e outro lado, deixando-se na primeira parede que se construía

⁹ Vulgarmente designadas por juntóiras ou travadoiras, as pedras de grandes dimensões, cobrindo toda a espessura da parede, eram colocadas (quando as havia) de onde em onde, permitindo um ainda melhor travamento da alvenaria.

umas pedras saídas de forma a serem incorporadas pela segunda. Esta indentação permitia que ambas as paredes trabalhassem em conjunto, conferindo-lhes maior estabilidade e solidez, e era executada sempre, ainda que deste facto não se retirasse partido estético no exterior.

A construção dos vãos de portas e janelas processava-se de modo diferente caso se incorporassem ou não guarnições de cantaria.

No primeiro caso, mediam-se as larguras e deixavam-se de ambos os lados as reentrâncias feitas na alvenaria onde entravam as guarnições de cantaria. O vão era vencido com uma expressiva verga de granito recta (como na presente porta estreita) ou em arco ogival (como na porta larga).

Por vezes, na parte superior dos vãos construía-se um arco de *ressalva* em tijolo, precisamente para ressalvar a verga do peso da alvenaria que lhe era construída por cima¹⁰, isto quando não se tratasse de guarnições em arco, cuja curvatura já cumpria a função. O espaço entre este arco abatido e a verga recta era preenchido com um enchimento de argamassa à face exterior. Pelo lado de dentro e na restante espessura de parede era colocada uma padieira de madeira, que suportava a restante alvenaria daí para cima.

Quando as guarnições não eram em cantaria mas assinaladas com reboco saliente, procedia-se, para a construção dos vãos, da seguinte forma: as golas eram feitas pela própria alvenaria, que seria depois rebocada com espessura maior que o restante paramento exterior, de modo a emoldurar o vão. Na parte superior, este era vencido com um arco abatido em tijolo, como são exemplo as portas interiores no piso térreo da presente habitação ou com padieiras de madeira, como são as dos pisos superiores.

Nos vãos das janelas o pano de peito era construído em alvenaria de tijolo de modo a possuir menor espessura (20 cm), por forma a que o habitante pudesse assomar a ela, construindo-se, de ambos os lados da janela, duas namoradeiras com assento em granito. A execução das guarnições, em cantaria ou alvenaria de pedra, processava-se da mesma maneira que nos vãos de porta.

- **Paredes Interiores**

A parede interior paralela à fachada que estrutura a construção em duas metades e a que divide em dois compartimentos a metade traseira, têm cerca de 60cm de

¹⁰ Veja-se a figura 6.19.

espessura e são também construídas em alvenaria de pedra, num processo em tudo idêntico ao que foi descrito. A parede que confina lateralmente a escada e as que formam a chaminé são construídas em alvenaria de tijolo burro, a meia vez.

A alvenaria de tijolo era construída em camadas horizontais, alternando os tijolos com a argamassa de assentamento que preenchia a totalidade dos espaços livres, o que se conseguia fazendo pressão no tijolo da fiada seguinte. Na alvenaria a meia vez, os tijolos eram dispostos de modo que a sua largura correspondesse à espessura da parede. Para garantir maior resistência deviam-se *matar* as juntas entre fiadas, ou seja, desencontrá-las verticalmente. Nas alvenarias de tijolo burro utilizavam-se todos os tijolos, ainda que fendidos ou partidos, pois não havia grande preocupação na aparência, uma vez que as paredes eram rebocadas.

Não se encontram presentes neste imóvel tabiques com fasquiado de madeira, embora seja corrente a sua construção nesta zona como divisórias interiores.

6.2.3 Pavimentos

O pavimento térreo encontra-se em terra batida nos três compartimentos que formam este piso. Mesmo noutras habitações da zona, devido à aplicação generalizada de materiais de construção corrente, são já raros os exemplos de um revestimento mais tradicional, que era por vezes de granito ou de xisto, em lajeados de grandes dimensões ou em calçada de pedra irregular miúda como a das ruas, assentes com argamassa sobre um enrocamento de saibro e barro moído.

Os pavimentos elevados são constituídos pelos vigamentos, em madeira, que formam a estrutura de suporte e o revestimento, designado por soalho, quando também em madeira. Além do soalho, presente em todas as divisões da casa, inclusive na cozinha, encontramos igualmente um pavimento em ladrilhos cerâmicos.

As vigas que formam o vigamento são dispostas paralelamente umas às outras, de modo a vencer o menor vão do compartimento a sobradar e afastadas cerca de 40cm a eixo, sobre as quais se assenta perpendicularmente o pavimento. No compartimento maior, as vigas estão, por isso, dispostas perpendicularmente à fachada, onde encastram; no entanto, como o seu comprimento não é suficiente para cobrir todo o vão até à parede interior, assentam, por sua vez, em dois grossos barrotes de castanho, terminando no segundo barrote, onde começam

outras que completam o restante vão¹¹. Vemos, deste modo, que num mesmo compartimento existem vigas ligeiramente desencontradas e sem qualquer ligação entre elas, situação que se repete também de compartimento para compartimento. Os pavimentos elevados encontram-se assim construídos de forma muito rudimentar, sem samblagens, tarugamentos ou outras execuções mais cuidadas¹². Todo o madeiramento é, aliás, muito tosco, de secção quase circular, sendo ligeiramente nivelado apenas superiormente, a fim de permitir um bom assentamento e horizontalidade do pavimento.

O assentamento das vigas era feito sobre as alvenarias, assim que estas atingiam o nível desejado, apoiando nelas directamente. As entregas das vigas, assim encastradas nos agulheiros das paredes, deviam ter pelo menos cerca de 20cm e ser depois bem *acompanhadas* pela alvenaria. Em algumas casas o barroto principal, tal como sucede nas madres, era assente sobre cachorros de granito encastrados, correndo assim menor risco de apodrecer na entrega.

O pavimento é revestido a solho de pinho, correndo paralelo à fachada, com tábuas de 15 a 20 cm de largura, colocadas lado a lado e pregadas às vigas que as suportam. Este tipo de soalho, vulgarmente designado *de junta*, é de todos o mais rudimentar, não impedindo sequer a passagem da luz de um piso para o outro.

Por cima dos primeiros degraus da escada, na despensa castelovidense, o pavimento é revestido com ladrilhos cerâmicos assentes directamente sobre o madeiramento, formado por pequenas vigas dispostas paralelamente e afastadas 30cm, correspondente ao comprimento do ladrilho. Em muitas habitações o revestimento da cozinha era também feito com este material ou com baldosas, assentes sobre barrotes com pequena distância entre eles. Sobre uma primeira fiada de ladrilhos era assente uma outra com argamassa, disposta contrariamente para melhor resistência.

6.2.4 Vãos

Os vãos exteriores, como descontinuidades no maciço resistente, são zonas mais frágeis da construção onde, em caso de sismo, ocorrem grandes concentrações de cargas e, como tal, sujeitas a maiores danos. A periferia da abertura era, por isso,

¹¹ Veja-se a figura 6.20.

¹² O assentamento das vigas, segundo as regras da boa construção, deve ser feito sobre um frechal contínuo, colocado à face interior do paramento, contra o qual apertam por meio de um entalhe, designado por dente de cão, com cerca de 1cm de profundidade, sendo depois igualmente pregadas. Quando as vigas atravessam mais de um compartimento podem simplesmente apoiar num frechal disposto sobre o frontal que os divide, ou melhor ainda, podem ser sambladas a este, também por meio de dente de cão. F. Pereira Costa, *ob. cit.*, cad.7, pp.3-4.

reforçada o que, nesta zona, era preferencialmente feito com guarnições em cantaria de granito, cujo assentamento constituía a primeira etapa na construção dos vãos exteriores, após a edificação da alvenaria.

A soleira ou o peitoril, no caso das janelas, era a primeira peça a ser colocada, seguindo-se as ombreiras e por fim a verga. As pedras eram gateadas entre si e com a alvenaria por gatos de ferro e as juntas argamassadas com cal e areia (actualmente remendam-se com cimento!). Eram também furadas do lado da gola por chumbadouros equidistantes onde, por entre o chumbo em fusão, se fixava a porca dos parafusos aplicados nos aros de gola da porta de madeira.

Em interiores, o vão era normalmente vencido por um arco construído em tijolo, ou uma padieira de madeira, tendo-se também detectado nalgumas casas a utilização de cantarias de granito. Alguns vãos de janela além das guarnições de cantaria de granito possuem também uma sobreverga a simular este material, que é executada com uma fiada de tijolo burro ligeiramente saliente do paramento e rebocada.

Janelas e portas são os elementos mais facilmente mutáveis de toda a construção, o que está bem patente na disparidade de exemplos que se encontram por toda a área. As janelas, de guilhotina ou de abrir, funcionam nos aros de aduela à face exterior da cantaria à qual são aparafusadas, possuindo, na maioria dos casos, portadas interiores nos aros de gola. Por sua vez, as portas funcionam nos aros de gola, no tardo das ombreiras e são portas de travessa à cola, ou seja, formadas de pranchas maciças de madeira presas umas às outras por travessas horizontais.

6.2.5 Escada

A escada de tiro tem características diferenciadas entre o primeiro e os restantes lances. No primeiro lance, de acesso ao primeiro andar, os degraus são construídos com blocos maciços de granito sobrepostos e ligeiramente encastrados nas paredes laterais, apresentando focinho saliente e os espelhos pintados. A partir deste lance a escada é construída em madeira.

As escadas em madeira são constituídas pelas cadeias, pelas pernas e pelos espelhos e cobertores que formam os degraus. A construção começava com a colocação dos primeiros elementos, pequenas vigas transversais com a largura da escada que encastram na parede.

Dada a largura da escada eram utilizadas duas pernas - as vigas inclinadas sobre as quais assentam os degraus e que constituem no fundo a estrutura resistente da escada-, que se comprimiam então sobre as cadeias. A ligação entre ambas era

feita por pregagem mais ou menos consistente¹³, tal como sucede também entre os degraus e as pernas, onde estes assentam.

Os degraus, espelhos e cobertores, são tábuas com a largura da escada que se vão colocando e fixando de baixo para cima. Há diversos tipos de encaixe de espelhos e cobertores, porém o mais simples, e o presente nesta habitação, é a pregagem vertical do cobertor superior ao espelho, e horizontal deste ao cobertor inferior. O patamar assenta sobre a cadeia superior e a inferior do lance seguinte, fazendo nivelar o solho com o último cobertor e restante piso sobradado.

6.2.6 Tectos e Coberturas

No caso paradigmático de estudo, os tectos são exactamente a estrutura de suporte dos pavimentos elevados ou da cobertura, não havendo qualquer esteira ou forro, nem mesmo na parte inferior da escada. Em raras habitações na área, nomeadamente o palacete na rua Nova, foram encontrados forros tradicionais executados em fasquiado rebocado.

À semelhança do que acontece na restante habitação, também a cobertura se apresenta na sua forma mais simples e fácil de executar, de uma água apenas, com uma inclinação de cerca de 30%, reflectindo ainda uma certa pobreza do ponto de vista construtivo, nos seus elementos constitutivos e samblagens.

Uma cobertura compreende a parte estrutural à qual, por ser construída em madeira, se dá o nome de madeiramento e o telhado propriamente dito.

A construção do madeiramento tinha início, após o cálculo da altura da cumeeira, com o assentamento do frechal (ou do pau de fileira, no caso de serem duas águas) sobre a parede mais elevada e à sua face interior. Era usual a colocação de um outro frechal sobre a parede mais baixa, para que as varas se apoiassem em ambos, o que não foi, contudo, o caso desta habitação, já que as varas encastraram directamente na fachada.

O comprimento da vertente obrigou à utilização de duas madres, barrotes colocados paralelamente aos frechais e com a largura total do lote, para garantir uma maior estabilidade das varas¹⁴. Frechais e madres eram encastrados nas

¹³ Nas boas construções as pernas apertam-se contra as cadeias através de uma samblagem de bigode, em que uma saliência no topo daquelas entra na reentrância feita nestas, garantindo deste modo uma maior solidez e estabilidade da escada. *Ibidem*, cad.3, p.6.

¹⁴ A partir dos 5 ou 6 metros de vão torna-se necessário escorar as madres, com prumos e escoras, para lhes reforçar a resistência e o travamento de toda a armação e diminuir a flecha, num sistema construtivo mais elaborado, inexistente na área. Percebe-se, deste modo, a relação íntima estabelecida entre o sistema construtivo utilizado e as dimensões regulares das frentes de rua dos lotes, que não ultrapassam esta dimensão.

empenas, normalmente 15cm e as suas pontas deviam ser pintadas ou protegidas, a fim de as preservar do apodrecimento ou ataque de insectos.

Seguidamente assentavam-se as varas sobre os frechais e madres, aos quais eram fixadas com pregos próprios e adequados às espessuras das madeiras¹⁵ e com um espaçamento entre elas de cerca de 40cm. Sobre o varedo, que se queria bem nivelado e desempenado, dispunham-se as ripas, perpendiculares a ele. O espaçamento entre elas era função da dimensão da telha que as cobria, de modo que cada uma apoiasse sempre em duas ripas. As ripas eram pregadas a todas as varas e assentes de cima para baixo, começando-se com a primeira junto ao espigão do telhado.

Para o bom travamento e resistência do madeiramento todas as peças deviam ficar com o seu comprimento *esperto*. Por vezes usavam-se ferragens na junção das várias peças e era vulgar, na zona, a construção de um forro em tábuas de pinho, sobrepostas sobre o varedo, para melhor isolar o compartimento.

Após a conclusão do madeiramento dava-se início ao assentamento do telhado, colocando as fiadas de telhas de baixo para cima. Quando o comprimento da vertente não dava um número certo de telhas, cortava-se a última fiada à medida, junto à cumeeira.

Embora não seja o caso presente, uma grande percentagem dos telhados na área em estudo é revestida com a tradicional telha de canudo, mourisca ou meia cana, que é de facto, a que ainda hoje melhor se adapta à geometria irregular dos lotes. Estas telhas eram colocadas sobre as ripas em filas alternadas de canais e capas sobrepostas. O uso de argamassa nas juntas era frequente, contribuindo para equilibrar a curvatura dos canais e melhorar o isolamento e fixação do conjunto. A cumeeira era composta por capas sobrepostas umas às outras e também argamassadas.

Para evitar a queda abrupta das águas para a rua, o beirado costumava ter uma inclinação mais suavizada que a vertente. De uma maneira geral, a situação era resolvida do modo mais simples com a própria parede de alvenaria onde o beirado assentava a dar-lhe essa inclinação, geralmente terminando por uma cimalha feita com tijolos encastrados e rebocados.

¹⁵Para além da fixação por pregagem, é usual, nas construções mais cuidadas, o entalhe das varas nos frechais e madres por meio de dente de cão, com cerca de 1cm de profundidade. *Ibidem*, cad.8, p. 5.

É vulgar encontrarmos um sub-beirado, geralmente nas construções que não possuem uma cimalha no remate da alvenaria, que mais não é que uma fiada de telhas de meia-cana (apenas as capas), encastradas na alvenaria e pintadas. Estas telhas, que construtivamente são independentes do beirado que lhe está acima, contribuíam, de uma forma económica, para a maior graciosidade deste remate.

6.2.7 Chaminé

A chaminé de fumeiro é o elemento principal da cozinha, com um comprimento de 2,15m por 1,50m de profundidade¹⁶. A sua construção iniciava-se pelo pavimento sobre o qual se fazia o fogo, elevado 20cm relativamente ao restante sobrado, revestido a pedra de granito e topejado com uma tábua de madeira.

Situado a um canto da cozinha, este fumeiro tem a empena como fundo enquanto lateralmente é limitado pelo alçado tardoz. Do outro lado, possui uma ilharga construída em tijolo burro a meia vez, bem como a totalidade da condução de fumo acima da verga, dentro e fora da habitação. Tanto a ilharga como o lajeado de granito assentam directamente sobre o soalho, sem que haja por baixo um reforço do madeiramento.

A verga, um expressivo barroto de castanho à altura de 1,60m, encastra de um lado na alvenaria da parede posterior e do outro apoia na ilharga, que é também rematada por madeira. Sobre a verga assenta o *pano de apanhar*, construído em tijolo com uma ligeira inclinação para dentro, que forma a fuga da chaminé e impele para cima os fumos. A totalidade dos elementos encontram-se caiados, inclusivamente as madeiras e a *boneca* de granito, semi-encastrada na parede do fundo.

O remate entre a cobertura e os panos da chaminé confirmam mais uma vez a pobreza construtiva que tem caracterizado as edificações, pois não se construiu a conveniente cadeia que usualmente remata as varas, tendo-se encastrado estas directamente no pano de tijolo da ilharga.

Exteriormente, a chaminé remata segundo uma tipologia de construção mais recente e vulgarizada em toda a vila e noutros locais. Os paramentos exteriores são caiados e a saída do fumo faz-se por entre os pequenos vazios triangulares formados pela colocação dos tijolos em zigue-zague, sobre os quais assenta a pequena cobertura em telhado de duas águas.

¹⁶ Referimo-nos à chaminé da figura 6.21.

6.2.8 Revestimentos das Superfícies

Toda a habitação é rebocada com uma argamassa de cal e areia e caiada interior e exteriormente.

O revestimento das superfícies é tanto mais importante quanto, além da sua adequação construtiva ao suporte, influi determinadamente na qualidade da imagem urbana.

A cal usada tradicionalmente nos rebocos era uma cal aérea gorda, da qual resultava uma pasta branca, que dava a cor aos paramentos. Para certos trabalhos decorativos e para as argamassas de assentamento, era preferida a cal parda da Escusa, também aérea.

Para se proceder à extinção da cal viva, esta era colocada num recipiente com pelo menos três vezes o seu volume e regada com água, acto que tradicionalmente se designa por *derregar*. Ao ferver, juntava-se mais água e ia-se mexendo com uma *muleta* para que se desfizesse completamente. Depois de apagada, a cal era passada para um recipiente com uma rede por baixo para se retirarem as pedras não oxidadas (*pederneiras*), quando a cal era impura¹⁷.

Depois da extinção da cal, esta era primeiramente misturada com a areia, no traço conveniente (consoante fossem rebocos para exterior ou interior) e depois regada com a água. Esta operação realizava-se sobre um estrado de madeira, o amassadouro, para evitar impurezas, onde esta pasta de cal era amassada com a enxada, misturando-se bem os componentes. Era depois aplicada com a talocha ou a colher sobre a alvenaria, que devia apresentar-se bem limpa e isenta de gorduras e poeiras e ligeiramente humedecida para a argamassa se agarrar melhor. A resistência do reboco aumentava lentamente, à medida que se efectuava o processo de secagem e carbonatação da cal.

Geralmente, também as superfícies de madeira incorporadas nos paramentos eram rebocadas, como verificamos nas vergas e ombreiras do fumeiro ou nas padieiras dos vãos. Para uma melhor aderência destas superfícies ao reboco, tinha-se por hábito desbastá-las com o bico da enxó, dando-lhes uma textura mais pronunciada.

Para o processo da caição utilizava-se o leite de cal proveniente da sua extinção, segundo o processo acima descrito. A cal da Escusa era utilizada na pintura das molduras de alguns vãos ou socos, de cor parda, acinzentada.

¹⁷ Em algumas regiões do país a cal é hidratada com a ajuda de um aditivo (sebo, óleo animal ou vegetal, azeite ou borras de azeite), que lhe confere uma melhoria na resistência à humidade. Cf. Gabriela B. Teixeira; M. C. Belém, *ob. cit.*, p.100.

No caso em que se pretendesse uma pintura com outra cor, adicionava-se o pigmento, primeiramente diluído em água, à cal, depois de esta estar completamente desfeita. Embora se possa proceder à mistura unicamente no momento da caiação, preferencialmente esta deveria ser feita com a cal hidratada ainda quente, de modo a obter uma melhor ligação entre os componentes. A pintura, porém, devia ser executada apenas depois do seu arrefecimento.

A cor era misturada em função da área da parede a pintar. Para que não ficassem tonalidades diferentes, uma vez que a posterior afinação da cor era difícil, a tinta devia ser feita de uma só vez. A experiência ditava a quantidade necessária. Em Castelo de Vide, era usual a utilização de aditivos no processo de caiação, como sebo de animal ou o leite dos figos da piteira, para facilitar a fixação.

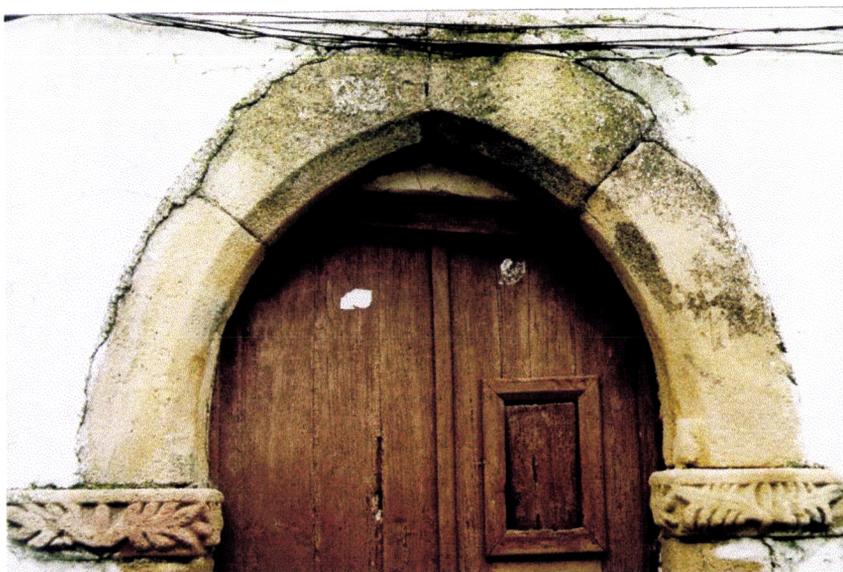
Para receber a pintura o suporte tinha de estar perfeitamente seco, isento de gorduras e poeiras e com eventuais fendas tapadas. Por vezes procedia-se à raspagem da superfície, para obter melhores resultados, nomeadamente se fossem utilizadas cores diferentes da existente. A caiação era retomada anualmente a cada Verão, para o calor facilitar a carbonatação e executada com o típico “pincel”.

Em termos decorativos encontram-se na área alguns exemplos mais trabalhados, embora seja sobretudo nas carreiras de Cima e de Baixo, como local mais prestigiado, que estes existem em maior número e mais diversificados.

Na habitação em ruína na rua da Fonte, por exemplo, os cunhais foram revestidos com soluções de simulação¹⁸. Esta técnica, consistia em imitar as pedras que formam o cunhal nas casas de construção mais rica e cuidada, através da marcação da sua estereotomia no reboco que o reveste. Este tipo de decoração é fruto de um gosto e uma preocupação estética mais tardia (séc. XIX?) e terá sido aqui executada muito posteriormente à construção da habitação, de raiz medieval.

A cal da Escusa era ainda utilizada para a execução de outra técnica de simulação muito vulgar em Castelo de Vide: o chamado «*raspadinho*». Tratava-se de um reboco decorativo, feito com uma massa fina, ao traço 2 para 1, afagada e *raspada* à colher, que resultava numa imitação da cor e da textura do granito da região. Era aplicado frequentemente nas molduras das janelas, simulando as cantarias de granito que estas não possuíam ou noutros trabalhos decorativos, como os que se podem ver na figura 6.26.

¹⁸ Referimo-nos à habitação da figura 6.22, embora este tipo de simulação esteja igualmente presente noutros edifícios da área.



A PEDRA

(fotos da autora)

Fig. 6.1 - As escadas que sobem ao primeiro piso habitacional são em cantaria de granito.

Fig. 6.2 - Fragmentos irregulares de xisto e granito argamassados constituem as alvenarias da área.

Fig. 6.3 - A reutilização de cantarias é usual ainda que com funções diferentes da original - degraus constituídos por ombreiras chanfradas.

Fig. 6.4 e 6.5 - As cantarias de granito dos vãos são por vezes trabalhadas decorativamente (rua da Judiaria e rua Nova).



A MADEIRA

(fotos da autora)

Fig.6. 6 - Nos interiores, a madeira é utilizada em pavimentos, escadas, guardas, portas e estrutura da cobertura.

Fig.6. 7 - Madres, varas e ripas para assentamento das telhas do telhado.

Fig. 6.8 - Janela de guilhotina e portada interior.

Fig. 6.9 - Porta de duas folhas, janela com portada de postigo e padieira (rua do Mercado).

